

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## Violência [Violence]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Fachin, Patricia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-06 13:17:42
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/161942">http://hdl.handle.net/20.500.12424/161942</a>

## Violência: “a lógica do jogo soma-zero: ou eu ou você”

Cúmplice da criminalidade, o Estado brasileiro está perdendo sua função e legitimidade, afirma Jorge Zaverucha

POR PATRÍCIA FACHIN

A desigualdade social não pode mais ser considerada o estopim das guerras civis, já que “o Brasil tornou-se menos injusto socialmente nos últimos anos”, afirma Jorge Zaverucha, em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line. Por outro lado, é evidente que a criminalidade tem tomado conta não só de grandes centros urbanos, mas de localidades até então consideradas pacíficas. Isso acontece, explica, porque “os criminosos trabalham levando em conta a impunidade e a deficiência da polícia”.

A descrença nas instituições e a ausência do Estado fazem com que a população faça “justiça com as próprias mãos”, explica o pesquisador. E dispara: “é como se a sociedade estivesse em chamas”.

Zaverucha é mestre em Ciências Políticas, pela Hebrew University Of Jerusalém, em Israel, e doutor na mesma área, pela University of Chicago, nos EUA, e pós-doutor, pela University of Texas at Austin. Atualmente, é docente na Universidade Federal de Pernambuco, onde coordena o Núcleo de Estudos de Instituições Coercitivas (NIC).

Entre suas publicações, destacamos *Rumor de sabres* (São Paulo: Ática, 1994), *Democracia e instituições políticas brasileiras no final do século XX* (Recife: Bagaço, 1998) e *FHC, forças armadas e polícia: entre o autoritarismo e a democracia (1999-2002)* (Rio de Janeiro: Record, 2005).

**IHU On-Line - O que aconteceu no país para que a violência alcançasse tamanhas proporções? Localidades consideradas passivas há cinco anos estão dominadas por atos de violência. Como explicar essa transformação?**

**Jorge Zaverucha** - Cada caso apresenta suas particularidades. Mas, obviamente, há pontos em comum entre todos eles. Gostaria de oferecer-lhe uma resposta pronta. Não a tenho. Também trabalho com a hipótese de que a contínua desordem existente na cúpula do poder político nacional gera um efeito demonstrativo negativo de alta capilaridade. Caso esteja correto, inexistente um claro marco regulatório que balize o comportamento da população.

**IHU On-Line - Como entender o sucesso do filme *Tropa de elite*? Por que**

**a sociedade tem prazer e vibra com cenas de violência? Isso está intrínseco ao ser humano?**

**Jorge Zaverucha** - Creio que boa parte da popularidade do filme, deve-se ao fato de a platéia se sentir “vingada” pelos bopeanos. Ou seja, sou diariamente assaltado, chamo a polícia e ela pouco faz e às vezes até me extorque. De repente, vejo que há um corpo policial honesto que vai dar um jeito no “inimigo”. É a lógica do jogo soma-zero: ou eu ou você. Esta é uma lógica típica de guerra. A cultura de guerra olha, predominantemente, para as capacidades do inimigo. A cultura democrática privilegia as motivações dos adversários. Na linguagem do Bope, há uma “guerra de baixa intensidade”. No entanto, ela é conduzida no seio de uma população predomi-

nantemente honesta e inocente. Esta visão belicista parece ter-se tornado hegemônica. A sociedade não mais se questiona sobre a justificativa desta “guerra” (*jus ad bellum*). O que conta como diz o canto de guerra bopeano “é invadir favela e deixar corpo no chão”. Para alívio da platéia.

**IHU On-Line - O senhor concorda com a idéia de que o Brasil está se convertendo num país de emigração? Essa pode ser uma justificativa de o Estado não conseguir mais manter a seguridade social para a população?**

**Jorge Zaverucha** - A insegurança física é um dos componentes que levam uma pessoa a emigrar. Tenho colegas que resolveram deixar o país com medo de serem seqüestrados e/ou mortos. É duro aceitar que chega a quase meio

milhão o número de brasileiros assassinados entre 1996 e 2006. Talvez eu esteja muito influenciado pela realidade pernambucana. Sugiro acessar [www.pebodycount.com.br](http://www.pebodycount.com.br), site inspirado na Guerra do Iraque.

**IHU On-Line - Como o senhor avalia a atuação de grupos como o PCC que possuem leis próprias e que substituem a justiça comum? Isso demonstra a morte da legitimidade do Estado brasileiro?**

**Jorge Zaverucha** - Cada vez mais, o crime organizado consegue estabelecer *zonas de cooperação* com agentes estatais para o cometimento de delitos. Ora, se o Estado é fonte de grupos criminosos, como ele pode combater o crime? O Estado brasileiro vai perdendo tanto sua função quanto sua legitimidade ao ser minado internamente. A criminalidade organizada ainda não atingiu todo o Estado. Entretanto, se o processo de captura de agentes estatais não for estancado, o poder legal estatal poderá tornar-se meramente nominal.

**IHU On-Line - O senhor diz que o crime organizado está alojado nas entranhas do aparelho do Estado brasileiro. Essa afirmação é sinal de que a violência nunca será combatida?**

**Jorge Zaverucha** - Pode ser combatida desde que os setores do aparelho estatal capturados pelo crime organizado sejam derrotados. Será que a sociedade prevalecerá sobre o Estado? Infelizmente, a maioria dos políticos vê o Estado como um butim. O que existe, hoje em dia, são pequenos grupos com amplos poderes *vis-à-vis* uma massa de indivíduos desorganizada e impotente. O Marquês de Maricá<sup>1</sup> já dizia que “a impunidade é segura quando a cumplicidade é geral”.

<sup>1</sup> Marquês de Maricá: pseudônimo do político carioca Mariano da Fonseca, (1773-1848). Foi escritor, filósofo e político brasileiro. Atuou como ministro da Fazenda, conselheiro de Estado e senador do Império do Brasil de 1826 a 1848. Doutor em filosofia e consagrado em matemática pela Universidade de Coimbra em 1793, ocupou o cargo de Ministro da Fazenda no 3º Gabinete de 1823, depois foi nomeado senador pela província do Rio de Janeiro em 1826. Como escritor, escreveu diversas obras, a mais conhecida sendo *Máximas, Pensamentos e Reflexões*, composta de quatro volumes, com um total de 3169 artigos, publicada entre os anos de 1837, 1839 e 1841.

## “É duro aceitar que chega a quase meio milhão o número de brasileiros assassinados entre 1996 e 2006”

**IHU On-Line - Muitos especialistas dizem que a violência urbana é apenas uma consequência da pobreza, desemprego, falta de oportunidades, educação precária. Essas questões ainda são relevantes? Que outros aspectos o senhor destacaria como fundamentais para a expansão da criminalidade pelo Brasil?**

**Jorge Zaverucha** - O capital humano (educação), o capital físico (infra-estrutura), o capital social (confiança nas relações sociais que leva a organização social) e o capital institucional (segurança e justiça) são importantes. Sugiro usar a variável pobreza com cautela. As populações de Bombaim, hoje Mumbai, e Rio de Janeiro são similares. Lá, a taxa de homicídio, dados de 2003, foi de 1,1 por 100 mil habitantes. No Rio, é trinta vezes maior. O Brasil tornou-se menos injusto socialmente nos últimos anos, mas a criminalidade estourou. Por isso mesmo, enfatizo a grande ineficiência/corrupção do nosso sistema de justiça criminal. Os criminosos trabalham levando em conta a impunidade e a deficiência da polícia. Mas é sempre bom lembrar que muitos crimes, especialmente os mais cruéis, não são redutíveis a fatores meramente externos. Temos muito a estudar.

**IHU On-Line - A superlotação dos presídios contribui para aumentar a violência? Esse cenário torna os apenados mais violentos?**

**Jorge Zaverucha** - Contribui na medida em que, em vez de ressocializar, aperfeiçoa os conhecimentos dos bandidos. Além do mais, as condições são tão degradantes que o preso está disposto a correr alto risco, inclusive a morte, para de lá sair. Um detalhe: o Estado pune quem viola a lei. Mas, aqui em Recife,

há a figura do “chaveiro” de cela do presídio. É um preso, pago pelo Estado, para controlar outros presos em troca de favores informais da direção do presídio. É o Estado patrocinando a ilegalidade de um modo informal. Afora a Lei de Execuções Penais que é cotidianamente violada em todo o país. Mas quem fiscaliza o Estado?

**IHU On-Line - O sociólogo José de Souza Martins constatou mais de dois mil casos de linchamento no país, em 30 anos. Segundo a pesquisa, mais de 500 mil brasileiros praticaram esse ato nos últimos 50 anos. Como compreender a gana por violência que consome a sociedade nas últimas décadas?**

**Jorge Zaverucha** - A criminalidade epidêmica provoca descrença nas instituições. Ante a ausência do Estado na mediação dos conflitos, a população faz justiça com as próprias mãos. É como se a sociedade estivesse em chamas. Joubert<sup>2</sup> já nos lembrava que “tudo aquilo que tem asas está fora do alcance das leis”

**IHU On-Line - Podemos dizer que, depois de assistir tantas impunidades, a sociedade passou a adotar ações de violência como método de proteção, ou seja, a violência gerou mais violência?**

**Jorge Zaverucha** - Nem sempre violência gera mais violência. Às vezes, é necessário o uso da violência para evitar que a violência se alastre. Para mim, o mais importante é indagar sobre o grau de legitimidade do uso da violência. Quem a usa e contra quem? O Estado se caracteriza pela dominação de um grupo sobre o outro. Este domínio ocorre, seja pelo consentimento, seja pelo uso da violência. Quanto menor for a legitimidade, maior será a violência.

### LEIA MAIS...

>> Jorge Zaverucha concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. O material está disponível na nossa página eletrônica [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

\* O caos do sistema prisional

\* “Ganha um doce quem quem me disser o nome do comandante da Força Nacional de Segurança Pública...”

<sup>2</sup> Joseph Joubert (1754-1824): escritor e ensaísta francês. (Nota da IHU On-Line)